

# REVISTA ESPIRITA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

## ESTUDOS PSYCHOLOGICOS

---

PRIMEIRO ANNO

— N. 6. —

JUNHO DE 1875

---

**Fay e Keller.**

Comecemos fazendo o ligeiro historico do que se passou, em nossa presença, em uma sessão particularmente dada pelos senhores Fay e Keller aos membros da imprensa d'esta capital e a outras pessoas.

Chegámos ao theatro de D. Pedro II e lá encontrámos os dois denominados professores que tinham de exhibir trabalhos *assombrosos*.

Estavam collocados em cima de uma pequena mesa tres violões, dois pandeiros, duas campainhas e duas cordas de linho.

O scenario do theatro achava-se illuminado, e n'elle cadeiras dispostas em semi-circulo para assento dos espectadores. Sentámo-nos á linha da frente para que estendendo o braço em cuja mão direita sustentavamos o chapéo de sol, podessemos dominar a mesa aonde estavam postos os instrumentos.

Feitos os exames dos instrumentos, cordas, etc., foi o senhor Fay amarrado a uma cadeira á pouca distancia da mesa. Apenas se apagaram os bicos de gaz e em seguida as vélas, tratámos de pôr em movimento o chapéo de sol, estendendo o nosso braço e corpo, de fórma tal que se alguma pessoa se aproximasse da mesa para segurar os instrumentos, essa seria presentida pelo choque que lhe havíamos de imprimir.

Foi baldada essa nossa tentativa. Os instrumentos pozeram-se em movimento, e os sões d'elles, dentro em pouco, partiam de varios pontos do espaço. Depois de algum tempo o senhor Keller, que se achava assentado e seguro por um dos espectadores, riscou um phosphoro, e n'esse mesmo instante os instrumentos cahiram, em pontos diversos, pexroximos aospecta-

dores. Accendida uma véla, examinou-se o senhor Fay, e vio-se que elle se achava amarrado da mesma fórma. Deitou o senhor Keller liquido phosphorescente nos tres violões ; fez-se de novo a obscuridade, e os violões foram vistos e ouvidos no espaço a uma distancia de cinco á seis metros, bem como pousarem nas cabeças de alguns espectadores. Clareado o scenario, tornam no mesmo instante á cahir os instrumentos.

Durante dois ou tres minutos o senhor Fay desamarrou-se.

Até ahi nada nos podia dar a certeza da natureza do phenomeno ; isto é, não tinhamos a certeza de ser o phenomeno que se passava, diante dos nossos olhos, medianimico ou se um phenomeno electro-mechanico ; conseguintemente, se o senhor Fay era um medium nocturno de effeitos physicos ou se de parceria com o senhor Keller desempenhavam com habilidade folguedos de prestidigitação.

Novamente amarrado o senhor Fay e sellados os nós das cordas com o sinete do annel de um dos espectadores, exhibio o senhor Fay o phenomeno de despir a sua casaca, durante não mais de dois segundos de obscuridade ; por isso que, o senhor Keller que sustentava um phosphore nos dedos riscou-o em seguida á extincção da chamma da véla que nos dava claridade n'aquelle momento. Depois, foi pedido o paletó de um dos espectadores e collocado sobre a mesa, e nas mesmas condições vimol-o passar para o corpo do senhor Fay. Foi ahi que reconhecemos a faculdade medianimica do senhor Fay. E', pois, opinião nossa, ser elle um medium nocturno de effeitos physicos ; estamos d'isso tão convencidos que, ainda mesmo que o proprio senhor Fay viesse á publico dizer que o facto de vestir e despir a casaca, n'aquellas condições, não é um phenomeno medianimico, e sim produzido por um outro meio, nós o desafiariamos para que nos demonstrasse esse meio.

Não pensem que submetteriamos o senhor Fay a uma prova que fizesse divulgar o *seu segredo*. Não. Nós o deixariamos amarrado a sós em um quarto bem claro, não por segundos, porém por horas durante o dia, e elle que despisse e vestisse a casaca. Acreditamos que com essa prova o *segredo* não podia ser divulgado. Não o submetteriamos á mesma prova se elle fosse um medium de effeitos physicos não nocturno, porque então elle produziria os phenomenos ás claras.

Entretanto, d'aqui á mais algum tempo, poderá o mesmo senhor Fay reproduzir os mesmos phenomenos sem necessitar de instantes de obscuridade, caso a sua faculdade medianimica se amplie.

Sabemos que ha phenomenos do espiritismo experimental que habeis prestidigitadores sabem imitar; outros, porém, são impossiveis que elles os imitem, diante de observadores calmos e conhecedores das leis que regem táes phenomenos, e que se não deixam fanatizar pelos pelotiqueiros.

Não podemos sympathisar com os mediums nocturnos ou não, de effeitos physicos que servem-se da faculdade como meio de vida; mas, não podemos deixar de reconhecer que são instrumentos de que se servem os Espiritos para despertar a attenção da nossa tão atrasada humanidade.

Fomos, é verdade, assistir a sessão particular dos senhores Fay e Keller, mas para de viso fazer justiça a quem a tivesse, e não por necessitarmos da exhibição dos seus phenomenos para nos dar a certeza physica que possuimos da immortalidade do nosso Espirito, após a desorganisação do corpo que nos põe em relação com o mundo material. Essa certeza que temos de que seremos immortal, que em nós não existe só a materia organizada; que o nosso *Eu* é o nosso Espirito; foi adquirida pela observação de outros phenomenos e pelo estudo das leis physicas e moraes que regem a communicação entre o mundo visivel e o invisivel, que regem o mundo physico e o mundo espirital.

Tomando conjunctamente as apreciações, mesmo os insultos, de toda a imprensa na parte que se refere ao espiritismo e a seus adeptos, responderemos com as poucas palavras que terminam este pequeno artigo.

As creanças não podem manifestar a comprehensão das idéas abstractas, ainda quando mais tarde apresentem grande desenvolvimento intellectual, porque seus orgãos cerebraes desde logo não se acham no estado apropriado á taes manifestações. Assim tambem, nem todos os adultos, apesar da perfeição dos orgãos materiaes, podem comprehender o mundo espirital, por isso que lhes falta certo adiantamento do Espirito, certa elevação d'alma.

Um dia, todos chegarão a esse conhecimento !

---

### Resposta dada á pastoral do Arcebispo de Toulouse.

Pensámos, quando fizemos apparecer o primeiro numero da nossa *Revista*, que a folha do partido catholico apostolico roma-

no sahisse ao nosso encontro para fulminar-nos ; tanto assim que, antecipadamente haviamo-nos preparado para nos bater, tanto quanto podessemos, com as armas fornecidas pela civilidade, pela sciencia e pela razão. O silencio da folha clerical foi-nos em extremo aprazivel : mas, eis que nos chega de Paris o numero de Abril da *Revista Espirita*, e n'elle lêmos a resposta dada pelo erudito V. Tournier a uma pastoral do Arcebispo de Toulouse. O leitor verá a *bôa fé* dos nossos contendores. (\*)

Á MONSENHOR O ARCEBISPO DE TOULOUSE.

*Monsenhor.*

Eu sou espirita, e acabo de lêr, no numero de 9 de Fevereiro de um jornal de vossa cidade, o *Echo de la Province*, a instrucção pastoral contra o Espiritismo que dirigisteis ao clero e aos fieis de vossa diocese, pela quaresma do anno de graça de 1875.

Permitti que vos diga com respeitosa franqueza, aquella leitura mergulhou-me em um doloroso assombro. Nunca tinha visto o Espiritismo atacado com tanta violencia e injustiça. Assim, immediatamente nasceo em meu espirito a suspeita de que aquella obra não era vossa.

Pensei que algum falsario audacioso havia reeditado contra os espiritas alguma ameaçadora requisitoria, lançada por um dos principes dos padres de Jerusalem ou por um grande pontifice de Jupiter Olimpeo contra os primeiros christãos, e que, para dar-lhe mais autoridade junto ás massas, a havia assignado com o vosso imponente nome. Essa suspeita surgio-me com tanto mais naturalidade quanto me achava ainda debaixo da profunda impressão que me havia feito experimentar a representação de *Polyceute*, essa commovente tragedia do nosso immortal Corneille.

Entretanto, reflectindo sobre a opinião do jornal em cujas columnas vossa instrucção estava reproduzida, reconheci que a minha suspeita era mal fundada. Pensei então que, as vossas numerosas occupações, não vos permittindo entregar-vos ás investigações necessarias para tratardes do assumpto que vos preocupava, havieis encarregado algum dos que vos cercam de as fazer por vós, e que segundo as notas fornecidas por alguém, foi o vosso escripto redigido.

D'esta interpretação, estou seguro, é a verdadeira e a ella me

---

(\*) Fazemos esta resposta com vista ao *Apostolo*, uma vez que, segundo no<sup>5</sup> consta, deu em um dos seus numeros noticia da supradita pastoral.

cinjo : cousa alguma no mundo me poderá fazer admittir que um homem do vosso character tivesse fulminado contra pessoas pacificas, investigadores de bôa fé da verdade religiosa, tão terrivel anathema, se não tivesse por conta propria sido conduzido ao erro.

Monsenhor, sois um principe da Igreja, Arcebispo de Toulouse e de Narbonne, primaz da Galea narbonesa, prelado assistente ao throno pontifical, etc., etc. ; estais assentado sobre os bancos mais altos do nosso edificio social ; tendes a sciencia e a autoridade. Eu, ao contrario, nada sou : apenas em nossa sociedade não calcúlo como não calculavam na sua o Christo e seus apostolos ; sou quasi tão ignorante como elles, e tenho menos do que elles aquella grandeza moral, aquella potencia de intuição que nas questões philosophicas e religiosas, substitue tão vantajosamente a sciencia.

Porque, pois, sou tão audacioso ousando dirigir-me a vós e dizer-vos : Tomai sentido, Monsenhor, enganaram-vos e vós, por vossa vez, involuntariamente, induzisteis o vosso rebanho ao erro ? D'onde me vem uma tal segurança ? Da convicção que tenho de que qualquer homem, por pequenino que seja, tem por dever advertir seu proximo quando se desvaira, qualquer que seja a condição a que pertença o seu proximo, alta ou baixa, quer seja arcebispo ou carvoeiro, rei ou mendigo. As Escripturas Sagradas em alguma parte não dizem ? — *Unicuique mandavit Dominus de proximo suo.* — O Senhor deu á cada um o mandato de se occupar com o seu semelhante.

Monsenhor, haveis de desculpar, pois, a minha audacia, e consentirdes que juntos examinemos a vossa instrucção quadregesimal.

Ella se divide em duas partes principaes. Na primeira, que é como que uma introduccão, proclamades os espantosos progressos que ha feito em vossa diocese o Espiritismo ; dizeis qual a causa a que é devido a sua apparição, e fazeis constar d'elle o character satanico ou charlatanesco. Na segunda o encarais como doutrina, como processo pratico, como sociedade religiosa, e concluís pedindo que, *como todas as instituições malfeitoras, seja o objecto de uma vigilancia activa e de uma energica repressão.*

Segundo vós, é nas épocas em que o homem se emancipa da verdadeira fé e cessa de acreditar em Deus que enche com superstições o vacuo que se faz nas profundezas de sua natureza. E, essas superstições, são as praticas espiritas, quaesquer que sejam os nomes com os quaes se as denomine: magia, feitiçaria, gnosis, theurgia. E, apoiad vossa opinião, Monsenhor, com a

citação seguinte de *um pensador*, Carlos Bonnet, do qual com toda certeza não adoptais todas as crenças e o qual estava longe de partilhar vosso horror pela doutrina das vidas anteriores : « Os povos têm necessidade de serem crentes para não serem » « credulos ; é preciso deixar os alimentos sãos á fé das massas, » « se não se quer que ellas se nutram de veneno. »

Sou da vossa opinião, Monsenhor, e da de Carlos Bonnet. Como vós acredito que quando o homem abandona a religião e cessa de acreditar em Deus, as praticas espiritas, com quaesquer nomes com que se as appellidem, se multiplicam. Somente não attribuo a esse facto a mesma causa. Vejo n'isso um acto da Providencia que impelle o mundo invisivel a invadir o nosso, para que se revelando á nós, nos preserve dos males que as crenças materialistas, generalisando-se e firmando-se, não deixariam de produzir. Tal era tambem a maneira de vêr de um homem, sobre essa intervenção, que deve ter alguma autoridade aos vossos olhos — o padre Lacordaire. Elle escreveu em 20 de Junho de 1853, á senhora Swetchine, a respeito das mesas fallantes: « Póde ser tambem que Deus queira por essa divulgação proporcionar o desenvolvimento das forças espirituaes, pelo desenvolvimento das forças materiaes, para que o homem não esqueça, em presença das maravilhas da mechanica, que ha dois mundos incluídos um no outro : o mundo dos corpos e o mundo dos Espiritos. » Tal parece tambem ter sido a vossa em um momento, Monsenhor, quando dissesteis : « Certamente, se as evocações do Espiritismo não são sessões de prestidigitação, é preciso confessar que ellas constituem um victorioso desmentido lançado pelo proprio Satanaz á face do materialismo contemporaneo. »

Com effeito, que interesse poderia ter Satanaz, o pai de toda a velhacaria, em combater o materialismo manifestando-se, se para isso não fosse obrigado pelo proprio Deus ?

Semelhante a Carlos Bonnet, creio que é preciso deixar os alimentos sãos ás massas, se não se quer que ellas se nutram com veneno. E é por isso que o Espiritismo *pretende purificar a religião de vãs ceremonias e guardar de todos os cultos o que faz a propria essencia da homenagem á Divindade*, como muito bem dizeis.

Foi o trabalho que ha dezoito seculos emprehenderam, o Christo e seus discipulos, trabalho no complemento do qual foram secundados pelas incessantes manifestações dos Espiritos. O Christo á cada instante não declara nos Evangelhos que não é elle quem falla, porém os Espiritos ? S. Paulo não foi

sempre guiado pelo Espirito de Jesus ? Em cada grupo christão, como hoje em cada grupo espirita, não se occupavam com as evocações ? Não haviam mediums fallantes, curadores, de effeitos phisicos, inspirados, polyglotas, como está dito no Cap. XII da 1.<sup>a</sup> *Epistola* aos Corinthios ?

E, esse trabalho é hoje necessario como outr'ora, Monsenhor, porque hoje como outr'ora não se offerece alimentos sãos á fé das massas. Por tal fórma se tem sobrecarregado a religião com vãs ceremonias, com praticas pueris, com dogmas inuteis, absurdos e perigosos, que a razão não mais póde reconhecê-la debaixo dessa dissimulação e se lança nos braços do nihilismo. E' o padre que por tal fórma tem crescido que acaba por occultar aquelle cuja missão é mostrar-se aos homens ; é o mandamento da Igreja que, segundo a expressão do Christo, destruiu o mandamento de Deus. E, depois disso, espantam-se que Deus impilla os habitantes do mundo invisivel á se manifestarem, para que possamos saber que Elle ainda existe ! Não, Monsenhor, dignai refletir n'isso, esquecendo-vos por um instante que sois arcebispo, e reconhecereis commigo que só o contrario póde dar direito á nos surprehender.

Eis quanto a primeira parte. Occupemo-nos com a segunda.

No começo leio : « Como doutrina, ensina que existe natu- »  
« ralmente um commercio com os mortos ; que em *virtude de* »  
« *certas fórmulas e de certos actos, nós forçamos as almas do outro* »  
« mundo virem sobre esta terra e a entreterem communição »  
« commosco ; emfim, que interrogadas por nós, dão respostas »  
« que são a *expressão infallivel da verdade. Tal é o dogma funda-* »  
« *mental do Espiritismo*, sem contar outros erros que nós tere- »  
« mos de expôr. »

Pois bem, Monsenhor, ponde de parte o começo sobre o commercio com os mortos, todo o resto é precisamente o contrario da verdade, e vós n'esse escripto não expondes outros erros além dos que vos fizeram commetter. Os espiritas acreditam que as almas do outro mundo gozam do seu livre arbitrio, absolutamente como as d'este, e que não são nem fórmulas, nem actos, que as obrigam a se communicar desde que ellas não queiram. Acreditam mais que, estão geralmente sobre esta terra e o mais das vezes perto das pessôas amadas, — que se não as perturba chamando-as mas ao contrario as enche de alegria, — a mãe, por exemplo, junto á filha que chora por ella, e reciprocamente. Quanto as respostas é uma lei não as acceitar como verdadeiras, senão muito depois de as ter submettido ao confronto rigoroso da razão, e parecerem

tães. Os espiritas não concedem a infallibilidade senão á Deus ; acreditam commetter uma impiedade attribuindo-a a uma creatura qualquer, homem ou Espirito. Sabem que ha não só Espiritos como homens, que se mostram tanto mais dispostos a se darem á conhecer quanto á dogmatisar, que são mais ou menos levianos ou ignorantes.

Os espiritas, Monsenhor, são antes de tudo livres pensadores, racionalistas ; isto é, christãos : « Os homens que fazem uso da razão (*logos*) para conduzi-la » são em sua vida christãos, seres fortes e « corajosos » dizia S. Justino, martyr. Não reconhecem a pessoa alguma o direito de lhes impor uma doutrina que não lhes parece racional. E' dizer-vos com isso que não ha ortho-doxia espirita. Entretanto, apoiarei as minhas affirmações principalmente com as citações tiradas das obras de Allan-Kardec, porque elle é o verdadeiro fundador do que vós chamais nossa seita ; visto suas idéas serem geralmente adoptadas por nós, por ser do *Livro dos Espiritos* e do *Livro dos Mediums* que o vosso secretario audaciosamente pretende ter tirado a exposição que vos fez das doutrinas espiritas.

Ora se quizerdes abrir o *Livro dos Mediums*, n'elle achareis, Cap. X. n.º 133, segunda alinéa as seguintes linhas : « Estando-  
« se bem compenetrado, conforme a *escala espirita* (*Livro dos*  
« *Espiritos n. 100*), da variedade infinita que existe entre os  
« espiritos debaixo da dupla relação da intelligencia e da morali-  
« dade, facilmente se conceberá as differenças que devem existir  
« em suas communicações ; devem reflectir a elevação ou a bai-  
« xeza de suas idéas, seu saber e sua ignorancia, seus vicios e  
« suas virtudes ; em uma palavra, ellas devem apenas asseme-  
« lhar-se, como entre os homens, do selvagem até ao Europeo  
« mais esclarecido. Todas as differenças insensíveis que apre-  
« sentam pódem se grupar em quatro cathogorias principaes ;  
« conforme seus caracteres bem marcados, são : *grosseiras, frí-*  
« *volas, sérias ou instructivas.* »

« E, mais adiante, no mesmo capitulo, n. 136 : « Os Espiri-  
« tos sérios não são todos igualmente esclarecidos ; ha muita  
« cousa que elles ignoram e sobre as quaes podem de bôa fé  
« enganarem-se ; é por isso que os Espiritos verdadeiramente  
« superiores nos recommendam sem cessar submettermos todas  
« as communicações ao confronto da razão e da logica a mais  
« severa.

Eis quanto a infallibilidade dos Espiritos. Começais, não é assim, Monsenhor, a poder julgar da bôa fé d'aquelle que teve a honra immerecida de ser escolhido para vosso collaborador ?



Seria elle mais veridico fallando do constrangimento que pretendem os espiritas exercer sobre os Espiritos por meio de certas fórmulas sacramentaes e de certos actos? Para d'isso vos assegurar, é preciso que condescendais, Monsenhor, passar commigo ao Cap. XVII, numero 203. Está dito ahi: « Não ha « para isso fórmula sacramental; todo aquelle que pretendesse para « isso dar uma ousadamente pôde ser taxada de pelotica, porque « para os Espiritos a forma nada é. Não obstante a evocação deve « ser feita em nome de Deus. « Depois, passando á maneira de dirigir as questões aos Espiritos, indica a seguinte: « Estais aqui? — Queres me responder? Ajunta: O essencial é que a questão não seja futil, « que não tenha traço á cousas de interesse « privado, e principalmente que seja a expressão de um sentimento « benevolente e sympathico para o Espirito ao qual se dirige. »

E' ainda, vós o vêdes, exactamente o contrario d'aquillo que vos fizeram dizer.

Não, Monsenhor, ficai bem convencido, se ha alguem que pretenda, por meio de uma fórmula sacramental, fazer descer do céu á terra um Espirito ou mesmo Deus, esse alguem não é um espirita.

Vós acreditais, Monsenhor, que o commercio com os mortos é o que ha de mais contrario á lei de Deus. « Sim, dizeis vós, « N. T. C. F., se isso não é charlatanismo, são os demonios; « porque, visto que « não é permittido consultar os mortos, Deus « lhes recusa a faculdade de satisfazer as nossas vãs curiosidades. » Elle entretanto não recusou, para não citar senão um exemplo, ao Espirito de Samuel a faculdade de satisfazer a curiosidade de Saul, por intermedio da pythonisa de Endor. Amenos, portanto, que não seja falsa a narração da Biblia!

S. Agostinho, não me parece ter sido inteiramente do vosso aviso sobre este assumpto. « Porque, diz elle em « seu tratado *De curâ pro mortuis*, não attribuir essas operações « aos Espiritos dos defuntos e não acreditar que a divina providencia faz um bom uso de tudo para instruir os homens, consolal-os, espantal-os? »

E' verdade que S. Agostinho viveo ha muito tempo e que a Igreja de Roma ha feito grande percurso desde então. Mas, o cardeal Bona é menos antigo e tem, por consequencia, um pouco mais direito á nossa confiança. Eis o que diz o Fenelon da Italia, em seu *Tratado do discernimento dos Espiritos*: « Está-se adstrieto á admittir-se que se tenha podido achar homens de bom senso que tenham ousado negar completamente as apparições e

as *communicações* das almas com os vivos, ou attribuil-as a uma imaginação enganada ou então *á arte dos demonios*.

Sua Eminencia, Monsenhor, é cruel para com os que acreditam que Deus não permite ás almas dos mortos se communicarem comnoso e que pensam que os demonios respondem em lugar d'ellas quando nós as interrogamos. Mas é um Cardeal, e lhe é muito permittido. Demais elle não previa, a vossa instrucção pastoral, quando escreveo seu tratado.

Um outro ecclesiastico, menos elevado em dignidade, mas emfim um membro da Igreja infallivel, o abbade Marouzeau, escreveo a Allan-Kardec sobre esse mesmo assumpto: «*Mostrai ao homem que elle é immortal. Nada póde melhor ajudar-vos n'essa nobre tarefa qual a comprovação dos Espiritos de além tumulo e suas manifestações. . . .* Só por ahi vireis em auxilio da religião, pelejando a seus flancos os combates de Deus.

Comprehedeis minha perplexibilidade, Monsenhor, quando de um lado vós me prohibís como abominavel e contraria á lei de Deus e da Igreja a evocação dos mortos, e que, de um outro lado, o abbade Marouzeau, que provavelmente ainda não é arcebispo, mas que emfim poderá vir á sel-o, a isso me impelle, me mostra essa operação como muito util á religião e a qualifica de combates de Deus!

Continúo minhas citações, prendendo-me sómente aos pontos mais importantes, para não me expôr á ser muito extenso e abusar dos vossos preciosos instantes: «*Escutai as lições d'essa revelação de Satanaz! Qual é sua encarnação? E' o homem passando por uma serie de existencias para se purificar.*» Em uma palavra, Monsenhor, é a crença nas vidas anteriores, na pluralidade das existencias d'alma. E sobre esse ponto vós fosteis bem re-ensinado. Essa revelação de Satanaz, nós adoptamol-a, effectivamente, como faziam o Christo e seus discipulos, conforme testemunham os Evangelhos. Escutai primeiro, é S. João quem falla, Capitulo IX vers. 1, 2, e 3. «*Quando Jesus passava, vio um homem que era cego desde seu nascimento; e seus discipulos lhe fizeram esta pergunta: Mestre, é o peccado d'este homem ou o peccado dos que o pozeram no mundo, que é a causa de ter elle nascido cego? Jesus respondeu: «Não é que tenha elle peccado nem os que pozeram no mundo; mas é para que as obras da potencia de Deus brilhe n'elle.»* Os discipulos acreditavam, pois, que se podia ter peccado antes de nascer e que, por consequencia, se tinha já vivido. O Christo partilhava a crença d'elles, visto que, vindo trazer a verdade ao mundo, longe de repellir a questão d'elles como contendo um err

tanico responde a ella como vós responderieis áquelle cuja interrogação implicasse a crença da infallibilidade do papa.

O sabio beneditino D. Calmet confirma o que eu avia ço, n'estas poucas linhas que tiro do seu commentario n'esta passagem: « Muitos doutores judeos acreditam que as almas de Adão, de Abrão, de Phinéas, têm animado sucessivamente muitos grandes homens de sua nação. Não é, pois, por fórma alguma estranho que os apóstolos tenham raciocinado como elles parecem raciocinar n'essa parte, sobre o incommodo d'aquelle cego, e que tivessem acreditado que era elle, que por qualquer peccado secreto commettido antes de seu nascimento a si tivesse attrahido essa desgraça. . . . » Sabeis muito melhor do que eu, Monsenhor, que o Christo, interrogado por seus discipulos sobre quem era João Baptista, responde que seu precursor era Elias mesmo.

Mas eis o que é mais energico, — porque o Evangelho parece hoje em dia ter pouca authoridade aos olhos da Igreja de Roma, — a crença na revelação satanica da pluralidade das existencias d'alma sempre excitou no seio d'essa Igreja, se devo crer no que diz A. Pezzani, em sua bella e erudita obra *a Pluralidade das existencias d'alma*. Depois de ter citado a opinião de S. Clemente d'Alexandria e de S. Gregorio de Nyssea a esse respeito, ajunta: « Eis a pluralidade das existencias d'alma bem claramente ensinada e em termos formaes. Mesmo em nossos dias a preexistencia e portanto as reencarnações approvadas na pastoral de um bispo de França, M. de Montal, arcebispo de Chartres, por causa dos negadores do peccado original, aos quaes elle oppõe a crença permitida ás vidas anteriores d'alma. *Essa pastoral é do anno 1843.* » Eis finalmente as proprias palavras de M. de Montal: *Visto a Igreja não nos prohibir de acreditarmos na preexistencia das almas, quem póde saber o que ha se passado nas longinquas idades, entre as intelligencias ?* »

Assim, pois, Monsenhor, ao passo que vêdes na pluralidade das existencias d'alma a negação da doutrina do peccado original, Monsenhor de Montal n'ella acha a justificação d'elle. Em presença de um tal conflicto de opiniões entre dois principes da Igreja, que fazemos nós, pessôas do vulgacho? Mais do que nunca louvar-nos em nossa razão.

Entretanto, passemos á moral do Espiritismo, que, conforme vossa opinião, bem differente da de S. Justino, deixa de ser christã como seus dogmas, posto só a razão tenha d'ella estabelecido os principios,

Ainda aqui me aferrarei somente ás cousas mais importantes,

bem persuadido de que quando vos tiver demonstrado, ainda uma vez, a perfidia e a má fé do vosso secretario, haveis de muito bem ler com vossos olhos as obras espiritas e assim convencer-vos que essa perfidia e essa má fé são identicas em todas as outras cousas.

Proseguindo vosso parallelo entre o Decalago do Sinai e « *aquelle d'essa revelação infernal*, dizeis : O primeiro prescreve « aos servidores honrar aos senhores, o segundo declara que « *a desigualdade das condições deve desaparecer*. O primeiro ordena « respeitar a vida humana, o segundo não reconhece n'esta « vida a decima-millesima parte de sua importancia, visto ser- « mos chamados á viver dez mil vezes ; assim trata o suicidio como uma falta leve cuja consequencia *a mais terrivel* será um *simples desapontamento*, e o crime do aborto como pouco grave, a alma, conforme o Espiritismo, não se reúne ao corpo senão no momento do nascimento. »

Não sois evidentemente, Monsenhor, o redactor d'esse paragrapho. Alguem o intercalou sem vossa sciencia em vossa obra, e assignastes em confiança. Porque finalmente o Decalogo do Sinai não diz uma palavra sobre os deveres dos servidores em relação aos senhores, assim como tambem não ordena *guardar* o Domingo, como, por inadvertencia sem duvida, está dito no paragrapho precedente; a antiga lei *guardava* o sabbado: A menor creança que estada o catechismo sabe isso. Ao contrario, o Evangelho diz, á proposito das relações sociaes a estabelecer entre os christãos : « E Jesus, os tendo chamado á si, lhe « disse : Sabeis que os principes das nações os dominam, e que « os grandes os tratam com imperio. Não deve ser o mesmo entre « vós : porém aquelle que quizer tornar-se o maior entre vós, « seja vosso servo, e aquelle que quizer ser o primeiro d'entre « vós, seja vosso escravo. (S. Math. cap. XX, v. 25, 26 e 27). » Não achais, Monsenhor, que ha ali uma manifesta tendencia á fazer desaparecer a desigualdade das condições sociaes ? Ah ! é que o Evangelho é muitas vezes bem radical !

Entretanto, eis como trata d'esse assumpto o *Livro dos Espiritos* d'onde se pretende haver tirado a citação. E' preciso abrir no livro III, cap. IX, n. 806 : « A desigualdade das condições so- « ciales é uma lei da natureza ? — Não, é obra do homem e não « de Deus. — Essa desigualdade desaparecerá um dia ? — « Não ha de eterno senão as leis de Deus. Não vês ella apagar- « se pouco á pouco cada dia ? Essa desigualdade desaparecerá « com o predominio do orgulho e do egoismo ; restará apenas « a desigualdade do merito. Um dia virá em que os membros

« da grande familia dos filhos de Deus não se olharão como de  
« sangue mais ou menos puro ; não ha senão o espirito que é mais ou  
« menos puro, e isso não depende da posição social. »

Como uma citação perfidamente truncada muda completa-  
mente o sentido das cousas, Monsenhor !

Para os espiritas, o que faz a grandeza, vós o vêdes, não é  
a posição social, porém a pureza do Espirito. Elles consideram  
as diversas posições sociais como indifferentes, sendo todas  
provas necessarias, e não acreditam, como parece-vos, que um  
espirito decahe quando renasce escravo depois de ter sido rei.  
Elles pensam com o philosopho Epicteto que o que importa, é  
bem desempenhar o papel que approuve ao soberano Senhor  
dar-nos, quer esse papel seja aquelle de um principe ou de um  
plebeo. E, só desempenha-se bem o papel, quando se preenche  
bem os deveres do seu estado, quer de servo, quer de amo.

A questão do suicidio, Monsenhor, é extensamente tratada no  
*Livro dos Espiritos*. As causas que podem a elle impellir ahi  
são enumeradas com cuidado, e n'elle está dito que a punição  
está sempre em relação com a natureza da causa productora,  
assim como o quer a justiça. Ora o desapontamento é indicado  
como a consequencia a mais passageira, justamente ao contrario  
d'aquillo que vos lizeram dizer Julgai vós mesmo. « Em geral  
« quaes são as consequencias do suicidio sobre o estado do Es-  
« piritito ? — As consequencias do suicidio são muito diversas ;  
« não ha penas fixas, e em todo o caso são sempre relativas as  
« causas que levaram a elle ; porém uma consequencia da qual não  
« pôde o suicida escapar, é o desapontamento. » E, um pouco mais  
« adiante : » A affinidade que existe entre o Espirito e o corpo  
« produz em alguns suicidas uma especie de repercussão do  
« corpo sobre o Espirito que resente assim a seu pesar os effeitos  
« da decomposição, experimenta por isso uma sensação cheia de an-  
« gustia e de horror, e esse estado pôde persistir tanto tempo quanto  
« devia durar a vida que elles interromperam. » ( Liv. IV, cap. 1,  
n.º 957 ). Parece-me isso um pouco mais terrível do que o simples  
desapontamento.

Não sois de meu parecer, Monsenhor ?

E as dez mil encarnações, nem uma de mais, nem de menos  
onde se acha isso ? Com certeza não é no *Livro dos Espiritos*, o  
qual formalmente diz que esse numero é maior ou menor, con-  
forme o Espirito avança mais ou menos rapidamente na senda  
do aperfeiçoamento.

Mas passemos ao aborto. — Em que momento a alma se une  
« ao corpo ? — A união começa com a concepção mas só é completa

« no momento do nascimento. — O aborto facticio é um crime  
« ainda que seja na época da concepção? *Ha sempre crime* desde  
« o momento que transgride a lei de Deus. A mãe, ou quem quer  
« que seja *commetterá sempre um crime tirando a vida á creança*  
« antes do seu nascimento, pois é impedir a alma de suppor-  
« tar as provas das quaes o corpo deveria ser o instrumento. »  
( Liv, II, cap. VII, n.º 344 e 358. )

O aborto é, pois, um crime, segundo o Espiritismo, um crime, digo eu, e não um crime *pouco grave*; e não ha meio de ensinar que os espiritas o desculpem ou o ajudem. As razões que dá o *Livro dos Espiritos* são excellentes. Em primeiro lugar, a lei de Deus é violada; em segundo lugar, um grave prejuizo é causado a um Espirito. O catholicismo, que acredita que a alma é creada ao mesmo tempo que o corpo, e que uma só existencia decide para sempre de nossa sorte, não póde invocar esta segunda consideração. Se o fizesse, levantaria contra si a consciencia e lançaria á face de Deus a mais sanguinolenta injuria. Como Deus, effecivamente, puniria, pelo crime de outrem, uma alma que não conseguiu transgredir nenhuma das suas leis, enviando-a, por esse crime, para o inferno ou para os limbos, ao passo que o verdadeiro criminoso, confessado e absolvido, iria tomar lugar na morada dos bemaventurados, e segundo S. Thomaz de Aquino, o Anjo da escola, lá veria sua felicidade augmentada pelo espectáculo das dôres de sua victima?

Logo, se uma das duas doutrinas pudesse favorecer ao aborto, seria certamente a catholica. — Tal qual, pelo menos, apparece em vossa pastoral, Monsenhor.

Continuai: « Qual é o sexto preceito do Espiritismo? Eil-o  
« escripto por seu punho: *A indissolubilidade do laço conjugal é*  
« *uma lei contraria á natureza. Não têm os gozos outros limites*  
« *senão os que são traçados por essa mesma natureza.* » Consequencia, Monsenhor, promiscuidade bestial dos sexos. Certamente foi isso que quizeram vos levar a dizer. Pois bem constituo-vos juiz do processo jesuitico ao qual se recorreo para chegar a um tal resultado. Citou-se, desnaturando pela supressão do qualificativo muito importante *absoluto*, uma phrase que se acha no cap. IV, liv. III, do *Livro dos Espiritos*, onde se trata da *Lei da reproducção*, e se a fez seguir de uma outra phrase exprimindo, de modo a desnaturar ainda mais, a opinião emitida no cap. V do mesmo livro; que trata da *Lei da conservação*, sobre os gozos dos bens materiaes. Eis o texto: « O casamento, isto é,  
« a união permanente de dois seres, é contraria á lei da natu-  
« reza? — E' um progresso na marcha da humanidade. — Qual

« seria o effeito sobre a sociedade humana da abolição do casamento? — A volta á vida bestial. A indissolubilidade *absoluta* do casamento está na lei da natureza ou somente na lei humana? — E' uma lei humana muito contraria á lei da natureza. » N'isso nada ha, Monsenhor, que a Igreja catholica possa reprovar, visto ser sua propria doutrina. Não tem ella muitas vezes autorisado ao divoreio? O divoreio não foi uma lei da França catholica no primeiro imperio? Mas citemos outra passagem, a qual sem duvida servio para formar a segunda phrase: — Gozos dos bens terrestres — « Os gozos têm limites traçados pela natureza? Sim, para indicar-vos o limite do necessario. »

Depois d'isso, Monsenhor, e quando se tem para combater seus adversarios empregado armas semelhantes, se póde avançar que esses proprios adversarios não têm o *direito de serem severos, nem sobre a mentira, nem sobre o falso testemunho*, quando conservam em baixo das communicações as firmas que a ellas se oppõe os Espiritos? Póde-se assim fallar, quando se sabe que nas obras espiritas com cuidado se faz advertencia de que nada vale a firma e que a communicacão só póde ter valor quando se a estudando bem, chega-se á convicção de que póde ser obra d'aquelle que a assignou? Respondei, Monsenhor, vós cuja religião tem sido tão criminosamente aturdida.

Continuemos. O Espiritismo, pela doutrina da reencarnação, ameaça *toda a intimidade da familia*. Arruína no coração o amor da patria. Engendra uma loucura que *muitas vezes torna-se furiosa, e então os iniciados, superexcitados pelas suas relações com as potencias infernaes, voltam contra seus semelhantes o ardor que os devora, e vão se despertar dentro em pouco de sua monomania homicida sobre o cada falso*.

Fosteis vós mesmo, Monsenhor, que escrevesteis isso?!

E, é preciso que eu defenda de tão horriveis accusações uma doutrina cujos elevados principios já vos fiz conhecer e que o abbade Lecanu, em sua *Historia de Satanaz*, aprecia n'estes termos: « Seguindo as maximas do *Livro dos Espiritos* de Allan-Kardec, ha de que admirar que sobre a terra se possa ficar santo? » Para um espirita, Monsenhor, a creanga que nasce é um dever que nasce. Que importa o que possa ter sido em uma outra existencia o Espirito que a anima? Quanto mais perverso tenha sido esse Espirito, maior é o dever dos pais encarregados de dirigi-lo em sua nova encarnação. Porque repelleriamos o espirito de *Caim, d'Absalão* ou de *Herodiada*, se Deus nos julgasse dignos de trabalhar em tornal-os melhor? Uma cre-

ança está menos presa em relação aos que prodigalisam-lhe cuidados, por já ter vivido? E, é mesmo a Igreja catholica que na personalidade de seus padres, nos offerece por modelo o celibato; que canonizou Elisabeth da Hungria e Aleixo; que defende como sendo vergonhoso à mãe do Christo ter tido muitos filhos, apesar do texto formal dos Evangelhos; (\*) é a propria Igreja catholica que, exalta a virgindade às espensas da maternidade, accusa o Espiritismo de ameaçar o laço da familia?

E' mesmo ainda essa Igreja de Roma, cujos bispos estenderam a mão aos barbaros invasores da Galea, e que mais tarde queimaram Joanna Darc a propria encarnação da França, que sensura a nossa doutrina como sendo contraria ao amor da patria? Se Deus fazendo-nos nascer em um paiz indica-nos que é principalmente ahi que devemos nos ligar, pois que é n'esse que elle quer que nós *presentemente* completemos o nosso dever, fazendo-nos conhecer que nós poderiamos ou poderemos ser encarnados em outros paizes, quer somente impedir que o amor de nossa patria não se desviasse a ponto de fazer-nos odiar a patria dos outros, porque a terra inteira pertence-lhe e que todos os homens são seus filhos. E' preciso ensinar aos christãos essas cousas?

No que diz respeito á loucura furiosa provocada pelas praticas espiritas e conduzindo a monomania homicida, não conheço exemplo, Monsenhor, e terieis feito bem citar ao menos um. Porém eu sei que nos Estados-Unidos onde o Espiritismo faz tanto mal, segundo vós, a doutrina das penas eternas, unida ao pequeno numero dos eleitos, produziu, ha alguns annos, um tal desarranjo nas faculdades mentaes de um infeliz pai de familia, que o fez degolar seus filhos de pouca idade, para lhes proporcionar as alegrias do paraiso, visto o estado de innocencia d'elles. Depois d'essa horrivel immolação, o pobre louco foi entregar-se aos magistrados, feliz de ter assim, pela sua propria damnación, assegurado a salvación de sua progenitura. Todos os jornaes mencionaram com horror esse acontecimento lamentavel, e vós deveis ter d'elle lido a narraçào, Monsenhor.

Não contente d'essas accusações contra o Espiritismo, vós Monsenhor, lhe sensuraes a *esterilidade* em todos os ramos de conhecimentos hmmanos. Vós lhe imputais a injuria de não ter

---

(\*) Tournier, não quer dizer que n'aquella encarnação Maria Santissima tivesse tido outros filhos irmãos carnaes do Christo, nem é n'este sentido que são formaes os Evangelhos.



trazido ao mundo verdade alguma, de não ter ajudado a descoberta de alguma mina de ouro, de ser incapaz de dar um plano de batalha a um general collocado á frente do nosso exercito, etc., etc., etc.

Ha muito tempo, Monsenhor, que se diz: nada de novo debaixo do sol. Sim, o Espiritismo não trouxe ao mundo verdade alguma nova; mas estudando as manifestações dos Espiritos como se estuda todos os outros phenomenos da natureza, physicos, chimicos, astronomicos, os espiritas acharam o meio de fundar a religião sobre as bases inabalaveis da razão, desembaraçando-a das superstições que até aqui a têm manchado e a tornado inaceitavel a todos os espiritos sérios. E' isso pouca cousa? e não é melhor isso do que indicar minas de ouro aos gastadores da California, ou de fornecer um plano de campanha a um general, como fez, ah! a Santa Virgem, durante o cerco de Paris, se devemos nos referir ao que então disseram as folhas catholicas?

Sabeis, Monsenhor, que ella mandou uma serva, de Lião, creio, ao general Trochu, com instrucções para direcção da guerra. E, essa serva, sem duvida, não partio sem approvação dos padres, unicos capazes de distinguir os bons dos máos Espiritos!

Eis o que é mais grave: « Se ( o Espiritismo ) fosse, dizeis vós, « o que pretendem seus propagadores, que precioso instrumento de descobertas para as sciencias; que potente auxiliar « para as artes, a industria e os mil detalhes da vida pratica? » Pois bem, Monsenhor, os espiritas pretendem que o homem *deve progredir em tudo pelo esforço do seu trabalho. Se lhe dêsse as cousas promptas para que lhe serveria a intelligencia? Achar-se-hia na posição do escolar cujas lições fossem feitas por outrem. ( Livro dos Mediums, n. 294 ).* Vêdes que ainda mais uma vez vos fizeram calumniar os espiritas attribuindo-lhes doutrinas absolutamente contrarias ás que elles professam. Todo aquelle que, nos phenomenos espiritas, procura outra cousa além da prova da existencia do mundo invisivel e da immortalidade d'alma, está em sendabem perigosa, Monsenhor, e não merece o nome de espirita.

Uma outra citação, que será a ultima: « Jamais escutemos, « sobre as questões de fé, a voz de sociedade alguma além da « Igreja, vivendo sempre de conformidade com esta palavra do « Apostolo: *Si acontecer que um anjo desça do Céu para vos ensinar alguns dogmas fóra d'aquelles que nós temos prégado, vós deveis* « *reis lhe dizer maldição.* »

Pois bem, Monsenhor, acho-me desolado, esta citação não é exacta, e de mais é incompleta. Eil-a tal qual a tomo no cap. I, v. 8, da *Epistola aos Galatas*, traducção de Le Maistre de Sacy : « Mas quando nós vos annunciarmos nós mesmos, ou quando um anjo do céu vos annunciar um *Evangelho* differente d'aquelle que nós temos annuciado que elle seja amaldiçoado. »

Trata-se aqui do *Evangelho* e não de dogmas, e se deve maldiçoar, não sómente ao anjo do céu, porém ao homem. Comprehendeis a differença, Monsenhor ?

Porque assim fallava o Apostolo, Monsenhor ? Porque o *Evangelho* que os apóstolos tinham annuciado não era outro diverso do *Evangelho* da razão, e cada um póde achal-o consultando-a. Elle mesmo resumio, no cap. XIII, versetos 8 e 9 de sua *Epistola aos Romanos*, onde diz : « Porque aquelle que ama ao proximo « cumpre a lei ; . . . . todos esses mandamentos, digo, estão « comprehendidos em abreviatura n'estas palavras : Vós ama- « reis o proximo como a vós mesmos . »

E, vós Monsenhor, vós dirieis maldição a um anjo enviado de Deus, se vos annunciasse uma doutrina contraria, não ao *Evangelho* prégado por S. Paulo, que a razão de todos approva, porém aos dogmas da Igreja de Roma, á infallibilidade papal, por exemplo, que esta razão repelle, mesmo entre os prelados os mais illustres da catholicidade, Monsenhor Dupanloup entre outros, que faziam parte do concilio do Vaticano. Foi assim que praticaram todos os sacerdotes, Monsenhor ; foi assim que os padres de Jerusalem conseguiram matar os prophetas, e que o grande padre, infallivel tambem, visto que Deus fallou por sua bocca, tomou o Christo por um enviado do inferno e o fez crucificar. Impedir Deus de se manifestar, tal parece ter sido em todos os tempos a grande preocupação dos padres, permiti-me dizel-o, Monsenhor, cegos pelo inconsciente orgulho que se apodera do homem quando se persuade que só elle é capaz de descobrir a verdade, e que só elle tem por missão dispensal-a aos outros. « Como podeis vós acreditar, dizia o Christo aos do seu « tempo, vós que procurais a gloria que vos dais uns aos outros, « e que não procurais a gloria que vem sómente de Deus. » (S. João, cap. V, v. 44. )

Tenho concluido. Se na defeza da doutrina espirita, que é a minha religião—e o que o homem tem de mais caro no mundo é a sua religião,—commetti alguma vivacidade, deveis me desculpar, Monsenhor, considerando a natureza do ataque. Ainda mais, hoje que estais melhor esclarecido de nossa parte, espero

que, longe de chamar contra nós uma energica repressão,—que não obtereis, o tempo das perseguições religiosas está passado, — fareis á vós um dever dirigindo aos padres e aos fieis de vossa diocese uma nova pastoral, para dizer-lhes que indignamente enganado vós proprio á nosso respeito, muito involuntariamente a vosso turno, os enganasteis. E, em vez de lhes ordenardes, semelhante um outro Omar, queimarem os nossos livros, incitai-os á lêl-os, para que possam nos julgar. Todo homem honesto, no vosso caso, assim procederia; e vós sois um homem honesto.

N'essa esperança, dignai aceitar, Monsenhor, a segurança do meu profundo respeito.

V. TOUNIER.

---

### Manifestações physicas e sua theoria.

Noticiou em Fevereiro de 1857, o *Spiritualiste de la Nouvelle-Orléans* o seguinte :

« Perguntámos ultimamente se indistinctamente todos os Espiritos moviam as mesas, produziam ruidos, etc. ; e após essa pergunta a mão de uma senhora, muito séria para divertir-se com essas cousas, involuntariamente traçou estas palavras : — « Quem são os que fazem dansar nas vossas ruas os macacos ? São por ventura homens superiores ? »

« Um amigo, hespanhol de nascimento, que era espiritua-  
lista, e que morreu no ultimo estio, nos deu diversas communi-  
cações ; em uma d'ellas se acha este topico :

« As manifestações que buscaís não são as que mais agradam  
« aos Espiritos sérios e elevados. Não obstante confessaremos  
« que ellas têm sua utilidade, por isso que, mais do que quaes-  
« quer outras, talvez, podem servir para convencer os homens  
« de hoje.

« Para obter essas manifestações, necessariamente é preciso  
« que se desenvolvam certos mediums cuja constituição physica  
« esteja em harmonia com os Espiritos que as podem produzir.  
« Não ha duvida que mais tarde haveis de ver se desenvolverem  
« entre vós, e então, não serão pequenos choques que haveis de  
« perceber, mas ruidos semelhantes ás descargas de mosquete-  
« ria intermeadas com tiros de artilheria. »

Em um extremo da cidade, acha-se uma casa habitada por uma familia alleman; n'elli a ouve-se estranhos ruidos, e ao mesmo tempo certos moveis são deslocados; asseguraram-nos, nós não verificámos; porém julgando que o chefe d'essa familia nos podia ser util, o convidámos durante algumas sessões que tiveram por fim esses generos de manifestações, e mais tarde a mulher d'esse bravo homem não quiz que elle continuasse á ser dos nossos, porque, eis o que nos foi escripto pela mão da senhora. . . . .

« Não podemos impedir os Espiritos imperfeitos de fazerem  
« ruidos ou outras cousas incommodas e mesmo medonhas;  
« porém o facto de estar em relação comnosco, que somos bem  
« intencionados, só pode diminuir a influencia que elles exercem  
« sobre o medium do qual se tracta.»

Em virtude da noticia acima eis o que em sua *Revista* escreveu o immortal Allan-Kardec: — « Faremos notar a perfeita concordancia que existe entre o que os Espiritos disseram em Nova-Orleans relativamente ás manifestações phisicas e o que nos disseram. Effectivamente, nada poderia descrever com mais energia aquella origem, do que essa resposta espirituosa e tão profunda ao mesmo tempo; « *Quem são os que fazem dansar nas vossas ruas os macacos? são por ventura homens superiores?* »

« Teremos occasião de referir, conforme os jornaes d'America numerosos exemplos d'essa sorte de manifestações, muito mais extraordinarias do que as que acabamos de citar. Se nos responderá sem duvida, com o proverbio: « Favoravelmente póde mentir quem vem de longe. « Quando as noticias de cousas tão maravilhosas nos chegam de 2,000 legoas, e que não se as póde verificar, concebe-se a duvida; porém esses phenomenos atravessaram os mares com M. Home, que d'elles nos deu amostras.

Verdade é que M. Home não se apresentou em theatro algum para operar os seus prodigios, que todo o mundo, mediante entrada paga, o podesse ver; é por isso que muitas pessoas o tratam de habil prestidigitador, sem reflectir que a sociedade escolhida, que testemunhou esses phenomenos, não se prestaria benevolamente servir de sua comparsa. Se M. Home fosse um charlatão, não recusaria os brilhantes offerecimentos de varios estabelecimentos publicos e teria ajuntado ouro as mãos cheias. Seu desinteresse é a resposta a mais peremptoria que se póde dar á seus detractores. Um charlatanismo desinteressado seria um contra-senso e uma monstruosidade. »

Relataremos alguns factos mais de manifestações phisicas para melhor gravarmos na memoria do leitor a theoria d'elles.

Na idade de nove para dez annos, assistimos durante duas noites scenas das quaes conservamos intacta reminiscencia. Passaram-se essas scenas em uma situação, ás margens do rio Peruhipy, chamada S. Miguel. A familia que habitava essa situação andava assombrada com o barulho que ouvia em casa apenas chegava a noite. Ora, pedras, arêa, cahiam do tecto da sala onde se reuniam todos os membros da familia; ora, fortes estampidos se faziam ouvir dos quartos; ora, certos objectos deslocavam-se e cahiam por terra, e outros rolavam e paravam proximo ás pessôas que se achavam na sala. Quando tiveram logar as primeiras scenas as pessôas da familia attribuiram aos escravos; d'essa opinião eram os visinhos e no numero d'esses os membros da nossa familia; entretanto, todos que correram em auxilio da familia *assembrada* cousa alguma descobriram que justificasse tal supposição. Nós mesmos durante muitos annos nunca podemos attribuir que taes scenas podessem ser manifestações de almas d'outro mundo; entretanto, hoje as reconhecemos como táes. Dar-se-ha o caso de termos ficado supersticiosos na idade da razão? Não, nunca fomos supersticiosos, nem hoje o somos; mas, o que outr'ora não comprehendiamos, o que então não podiamos acceitar, hoje desvenda-se diante de nossos olhos, porque conhecemos e havemos estudado as leis que regem mais esses phenomenos da natureza.

Quando reflectimos sobre a ignorancia humana relativamente ao conhecimento das maravilhas do mundo espiritual, nossa alma experimenta sensações de benevola complacencia, porque recordamo-nos do facto de havermos um dia procurado convencer a um indio ( não selvagem ) ser o sol muito maior que a terra, e o pobre indio com toda ingenuidade dizer-nos: « Creio muito em meu amo, mas o sol maior que a terra não póde ser. »

Não se admirem, nem tão pouco riam-se do pobre indio; porque, não ha ainda um anno, um Conego, vigario da Cidade de Caravellas, padre que sabe bem o seu latim, que conhece bem soffrivelmente a historia sagrada, que escreve prosa e verso correctamente, disse não acreditar no movimento da terra, e necessariamente chamou em apoio de sua opinião o *milagre* de Josué!

Ha seis annos, pouco mais ou menos, ouvimos a narração de varias scenas que se deram na provincia de Minas em certa localidade. O narrador affiançou-nos tel-as presenciado. Consistiram as scenas em barulhos, deslocamentos de objectos, estampidos, chammas que appareciam, ora n'este, ora n'aquelle ponto da casa, etc. . .

Desculpe-nos o senhor que nos fez essa narração que lhe digamos que só depois de conhecermos o espiritismo lhe damos inteiro credito, mas que continuemos ainda á repetir—NÃO ACREDITAMOS EM COUSAS SOBRE-NATURAES, porque os proprios phenomenos espiritas acham-se na natureza, por isso que na natureza acham-se seus agentes, os mediums, os fluidos, os Espiritos. Fóra da natureza nada comprehendemos só Deus acima d'ella, porém ABRANGENDO-A.

Façamos o leitor recordar-se ou conhecer o que disse o Espirito de S. Luiz ao immortal colleccionador da doutrina :

Como póde um Espirito apparecer com a solidez de um vivo.

— R. *Combina uma parte do fluido universal com o fluido que o medium proprio para esse effeito desprende.*

Esse fluido reveste a fórma que pela vontade o Espirito deseja, porém geralmente essa fórma é impalpavel.

Qual é a natureza d'esse fluido ?

— Fluido, é dizer tudo.

Esse fluido é material ?

— R. Semi-material.

E' d'esse fluido que se compõe o perispirito ? R. Sim, é a união entre o Espirito e a materia.

Esse fluido é aquelle que dá a vida, o principio vital ?

— R. Sempre elle ; eu disse a união.

Esse fluido é uma emanção da divindade ?

— R. Não.

E' uma creação da Divindade ?

— R. Sim ; tudo é creado, excepto o proprio Deus.

O fluido universal tem alguma relação com o fluido electrico do qual conhecemos os effeitos ?

— R. Sim, é seu elemento.

A substancia etherea que se acha entre os planetas é o fluido universal em questão ? Elle envolve os mundos : sem o principio vital cousa alguma viviria. Se um homem se elevasse além do invólucro fluidico que circumda os globos, morreria ; porque, o principio vital se retiraria d'elle para se ajuntar á massa. Esse fluido vos anima : é elle que respiraes.

Esse fluido é ó mesmo em todos os globos ?

— R. E' o mesmo principio, porém mais ou menos ethereo, conforme a natureza dos globos, o vosso é um dos mais materiaes.

Visto esse fluido compor o perispirito, parece que n'elle elle se acha em uma sorte de condensação que se aproxima até certo ponto da materia ?

— R. Sim, até um certo ponto, conforme os mundos.

São esses Espiritos solidificados que levantam as mesas ?

— R. Esta questão ainda não me conduzirá ao que desejaes. Quando uma mesa se move debaixo de vossas mãos, o Espirito, que vosso Espirito evoca, vai sugar no fluido universal o que é necessario para animar essa mesa com uma vida facticia. Os Espiritos que produzem esses effeitos são sempre Espiritos inferiores que ainda não se acham inteiramente alliviados de seu fluido ou perispirito. A mesa achando-se assim preparada a seu gosto (ao gosto dos Espiritos batedores), o Espirito a attrahe e a move debaixo da influencia do seu proprio fluido desprendido por sua vontade. Quando a massa que elle quer levantar ou mover é muito pesada chama em seu auxilio Espiritos que se acham nas mesmas condições. Creio me ter explicado assás claramente para me fazer comprehender.

Os Espiritos que elle chama em seu auxilio lhe são inferiores?

— R. Iguaes quasi sempre : muitas vezes elles acódem por si.

Comprehendemos que os Espiritos superiores não se occupem com cousas que estão abaixo d'elles ; mais perguntamos se, pelo facto de se acharem desmaterializados, não teriam a potencia de as fazer se tivessem vontade ?

— R. Elles têm a força moral como os outros têm a força physica ; quando necessitam d'essa força, servem-se d'aquelles que a possuem. Não se vos ha dito que elles se servem dos Espiritos inferiores como vós vos servis dos carregadores de fardos ?

D'onde provêm a potencia especial de M. Home ?

— R. De sua organização.

O que tem ella de particular ?

— R. Essa questão não é precisa.

Perguntamos si se tracta de sua organização physica ou moral ?

— R. Eu disse organização.

Entre as pessoas presentes, ha alguma que possa ter a mesma faculdade que M. Home ?

— R. Têm em certo grão. Não foi um de vós que fez mover a mesa ?

Quando uma pessoa faz mover um objecto, é sempre com o concurso de um Espirito estranho, ou tambem a acção póde provir só do medium ?

— R. Algumas vezes o Espirito do medium póde obrar só, porém o mais das vezes é com o auxilio dos Espiritos evocados ; isso é facil reconhecer.

Como é que os Espiritos apparecem com as vestimentas que tinham sobre a terra ?

— R. Elles o mais das vezes só têm d'ellas a apparencia. Demais, quantos phenomenos não tendes entre vós sem solução ! Como é que o vento, que é impalpavel, deita por terra e quebra arvores compostas de materia solida ?

O que comprehendéis dizendo que essas vestimentas têm só apparencia ?

— R. No tacto não se as sente.

Se temos comprehendido bem o que nos dissesteis, o principio vital reside no fluido universal ; o Espirito suga n'esse fluido o envólucro semi-material que constitue o seu perispirito, e é por meio d'esse fluido que elle actua sobre a materia inerte. E' precisamente isso ?

— R. Sim ; isto é, elle anima a materia por uma especie de vida facticia ; a materia anima-se da vida animal. A mesa que se move debaixo de vossas mãos vive e soffre como o animal ; obedece por si ao ser intelligente. Não é elle que a dirige semelhante ao homem que faz mover um fardo ; quando a mesa levanta-se, não é o Espirito que a levanta, é a mesa animada que obedece ao Espirito intelligente.

Visto ser o fluido universal a origem da vida, é elle ao mesmo tempo a origem da intelligencia ?

— R. Não ; o fluido apenas anima a materia.

Resulta d'essa theoria que o fluido universal no qual reside o principio de vida, é o agente principal d'essas manifestações, e que esse agente recebe sua impulsão do Espirito, quer esse esteja encarnado quer desincarnado ou errante. Esse fluido condensado constitue o perispirito ou envólucro semi-material do Espirito. No estado de encarnação, esse perispirito está unido á materia do corpo ; no estado de erraticidade, está livre. Ora, aqui duas questões se apresentam : — a da appareição dos Espiritos, e a do movimento imprimido aos corpos solidos.

Em relação á primeira diremos que, no estado normal, a materia etherea do perispirito escapa á percepção dos nossos órgãos materiaes ; só a nossa alma pôde vel-a, quer em sonho, quer em somnambulismo, quer mesmo, nem bem dormindo, nem bem acordado ; em uma palayra, todas as vezes que ha suspezão total ou parcial da actividade dos sentidos da vida exterior de relação. Quando o Espirito está encarnado a substancia do perispirito está mais ou menos intimamente ligada á materia do corpo, mais ou menos adherente, se assim podemos nos exprimir. Em algumas pessoas, ha de alguma sorte emanação d'esse fluido em virtude de sua organização, é isso, propriamente fallando, que constitue os mediums de effeitos



physicos. Esse fluido emanado do corpo se combina, conforme leis que nos são desconhecidas, com aquelle que fórma o envólucro semi-material de um Espirito estranho. Resulta d'ahi uma modificação, uma sorte de reacção molecular que muda momentaneamente as propriedades do fluido, ao ponto de tornar visível o Espirito e algumas vezes tangível. Esse effeito se póde produzir com ou sem o concurso da vontade do medium. Essas duas circumstancias distinguem os mediums naturaes dos mediums facultativos. A emissão do fluido póde ser mais ou menos abundante, d'ahi os mediums mais ou menos potentes; a emissão não é permanente, o que explica a intermittencia da potencia. Finalmente, attendendo-se ao gráo de afinidade que possa haver entre o fluido do medium e o do Espirito, se conceberá que sua acção póde se exercer mais sobre uns do que sobre outros.

O que acabamos de dizer tambem se applica evidentemente a potencia medianimica concernente ao movimento dos corpos solidos; resta saber como se opera esse movimento. Conforme as respostas acima referidas, concluimos que, quando um objecto é posto em movimento, levantado ou lançado ao ar, o Espirito não opera esse movimento como nós o fariamos servindo-nos de nossas mãos; o Espirito *satura*, por assim dizer, com o seu fluido combinado com o fluido do medium, e o objecto vivificado assim momentaneamente, obra como faria um ser vivo, com a differença porém, que não tendo vontade propria, segue a impulsão dada pela vontade do Espirito, e essa vontade póde ser a do Espirito do medium, assim como póde ser a de um Espirito estranho, e algumas vezes é a de ambos actuando conjunctamente, conforme são ou não sympathicos. A sympathia ou antipathia que póde existir entre o medium e os Espiritos que se occupam com esses effeitos materiaes explica a razão por que nem todos são aptos á provocal-os.

Visto o fluido vital, impellido de certa fórma pelo Espirito, dar uma vida facticia e momentanea aos corpos inertes, visto o perispirito não ser outra cousa que esse mesmo fluido vital, segue-se que quando o Espirito está encarnado, é elle que dá vida ao corpo por meio do seu perispirito. O Espirito fica unido ao corpo tanto quanto permite a organização; quando se retira o corpo morre. Ora, se em lugar de uma mesa, fôr uma estatua de madeira tendo juntas, etc, e se sobre essa estatua se actuar como sobre a mesa, a estatua se moverá, baterá, responderá por meio dos seus movimentos e pancadas: em uma palavra teremos uma estatua momentaneamente animada por vida

facticia. Quanta luz essa theoria esparge sobre uma multidão de phonomenos até então inexplicaveis! Quantos effeitos mysteriosos são por ella explicados! CONSTITUE UMA PHILOSOPHIA COMPLETA.

---

## O LIVRO DOS ESPIRITOS

E

### o periodico — Novo Mundo.

Deram-nos a noticia de ter o *Novo Mundo* fallado sobre o *Livro dos Espiritos* que ha pouco foi editado pelo senhor Garnier em nossa lingua. A pessoa, que nos veio trazer a novidade, havia lido o artigo e nos fez uma narração em termos taes que nos levou a proferir as seguintes palavras: — A doutrina espirita não póde convir. . . . .

Somos espiritas. Devemos fazer reticencia por amor do proximo.

Procurámos o numero 55 do *Novo Mundo* e encontrámos no alto do artigo — MOVIMENTO LITTERARIO NO BRAZIL — do qual vamos transcrever o topico que nos diz respeito, como adeptos da philosophia espirita, o seguinte: ( de nosso correspondente ). Bastou isso para nos despertar a benevolencia.

« Por fallar em maus livros, obriga-me o dever de critico a  
« dirigir algumas palavras d'estranheza ao primeiro editor que  
« conta o Brazil: e a cujos louvaveis esforços se tem devido a  
« publicação das melhores obras de que se honra a litteratura  
« nacional no periodo de mais de dez annos. Intuitivo é que  
« quero fallar do amabilicismo livreiro, o Sr. B. L. GARNIER,  
« que, cedendo á instigações de interessados, ou não pesando  
« assaz no mal que com a sua condescendencia poderia fazer,  
« tem dado á estampa os devaneios de ALLAN KARDEC, famigerado  
« apostolo do — *espiritismo* — e responsavel por tantos e tão  
« lamentaveis desarranjos mentaes. Sabido é que na natureza  
« humana, sempre houve, e infelizmente ainda ha, extraordi-  
« naria propensão para o maravilhoso, que tem o atractivo do  
« fructo prohibido, promettendo-nos descortinar novos horizon-  
« tes, e revelar mysterios insondaveis. Até agora os livros  
« d'esses funestos *videntes* eram escriptos em idimas estranhos  
« e por isso inacessiveis á grande maioria da população, mas  
« agora que se estão vertendo na lingua vernacula, ninguem

« haverá que não deseje travar conhecimento com elles, e in-  
« struir-se nas novas e fascinadoras theorias que ahi se propagam,  
« visto como dando diversa interpretação ao dogma da immor-  
« talidade d'alma buscam restaurar a velha doutrina dos philo-  
« sophos indianos, conhecida por — metempsychose.

« Si tivéssemos a fortuna de entreter relações d'amizade com  
« o referido Sr. GARNIER lhe pediria instantemente que só favo-  
« neasse a impressão de bons livros, que são como o sustento in-  
« tellectual do povo; assim como evitasse os laços que á sua  
« generosidade armam traductores de franquia, cuja dicção mas-  
« cavada, producto da mais supina ignorancia dos idiomas por-  
« tuguez e francez, estragam muitas vezes primores de elegan-  
« cia e d'atticismo.

Araucarius. o pseudo correspondente do Novo Mundo, tolere o que vamos dizer, não por ligarmos importancia particular á sua individualidade, porque, em qualpue caso, valerá tanto quanto vale qualquer mortal, quando mesmo criticar com razão; nós, porém em homenagem á verdade, não podemos deixar passar sem protesto a sua heretica ignorancia relativamente aos escriptos de ALLAN-KARDEC.

Tomemos o principio do topico acima transcripto, deixando de parte a extensa tirada *intuitiva* sobre o Sr. Garnier, e seus traductores de franquia *que, cedendo ás instigações de interessados, ou não pesando assaz no mal que com a sua condescendencia poderia fazer, tem dado á estampa os devanêos de ALLAN KARDEC, famigerado apostolo do — espiritismo — e responsavel por tantos e tão lamentaveis desarranjos mentaes.*

A todo esse aglomerado de palavras, que tem um alto merito — o de revelar a origem de onde partio, respondemos com as seguintes palavras de Mauricio Lachâtre que sem duvida não é nenhum folheculario: « Essa doutrina (o espiritismo) nova teve seu berço na America do Norte, no meiado d'este seculo; promptamente espalhou-se por todas as partes do mundo, onde conta numerosos partidarios . . . . .

« O espiritismo é a mais sublime expressão da moral na humanidade, a mais racional das concepções philosophicas, e por todos esses titulos é elle destinado á reunir sob sua bandeira, em futuro mais ou menos proximo, a immensa maioria das nações do globo. »

De duas uma: ou o critico Araucarius lêo ou não lêo o *Livro dos Espiritos*. Se não lêo dá prova de frivolo de leviano, por pretender criticar um livro que não conhece. Se lêo, com o que

diz prova uma das duas opiniões que d'elle podemos fazer : Araucarius ou é audaz mentiroso ou uma intelligencia tão curta que não comprehendeu o que leu.

Em todo caso, Araucarius demonstra a mais supina ignorancia da philosophia espirita com as seguintes palavras : — visto como dando diversa interpretação ao dogma da immortalidade d'alma buscam restaurar a velha doutrina dos philosophos indianos, conhecida por — metempsycose.

Seja sensato, senhor correspondente do Novo Mundo ; quando quizer fallar sobre algum assumpto busque primeiro conhecê-lo.

### O mal e o remedio.

19. E' a vossa terra por ventura um logar de alegria, algum paraíso de delicias ? A voz do propheta não mais repercutiu em vossos ouvidos ? não clamou que n'ella haveriam prantos e rangidos de dentes pelos que nascessem n'este valle de dôres ? Vós que n'elle vindes viver, aguardai-vos para as lagrimas acerbadas e para os amargos soffrimentos, e quanto mais agudas e profundas forem vossas dôres, contemplai o céu e abençoai o Senhor por vos ter querido experimentar ! . . . Oh ! homens não reconhecereis o poder de vosso senhor senão quando elle tiver curado as chagas do vosso corpo e corôado com beatitude e alegria vossos dias ! Não reconhecereis o seu amor senão quando tiver ornado vosso corpo com todas as glorias e tiver dado seu brilho e alvura ! Imitai aquelle que vos foi dado para exemplo ; chegado ao ultimo grão d'abjecção e da miseria, estendido sobre um monte de esterco, disse á Deus : « Senhor ! conheci todas as prazeres da opulencia, e vós me reduzistes á mais profunda miseria ; louvado, meu Deus, por terdes querido profundamente experimentar vosso servo ! » Até quando vossas vistas pararão nos horisontes assignalados pela morte ? Quando vossa alma se arrebatará além dos limites de um tumulto ? Porém, ainda quando tivesses de chorar uma vida inteira, o que seria isso ao lado da eternidade da gloria reservada aos que tiverem padecido a provação com fé, amor e resignação ? Buscai, pois, consolação para os vossos males no pervir que Deus vos prepara, e nas causas dos vossos males passados ; e vós que mais soffreis, considerai-vos como os bemaventurados da terra.

Quando pairaveis no espaço, no estado de desincarnado, escolheis vossa provação, porque julgaste-vos forte para suppor-

tal-a; para que murmurar agora? Vós que pedisteis fortuna e gloria, foi para sustentardes a luta da tentação e vencel-a. Vós que pedistes lutar com o espirito e com o corpo contra o mal moral e physico, foi porque soubesteis que quanto maior fosse a prova, tanto maior e gloriosa seria a victoria; e que, se triumphasses d'ella, ainda mesmo que vossa carne fosse lançada sobre o monturo, pela morte deixariéis escapar uma alma deslumbrante de alvura e purificada pelo batismo da expiação e do sofrimento.

Que remedio, pois, prescrever aos que são accommettidos de obsedações crues e de acerbos males? Um unico ha infallivel, é só fé, é o olhar para o Ceu. Se nos accessos dos vossos maiores offrimentos, vossa voz glorificar o Senhor, o anjo, á vossa cabeceira, de sua propria morada nos mostrará o signal da salvação e o logar que um dia deveis occupar. . . . A fé, é o remedio certo do soffrimento; ella mostra continuamente os horisontes do infinito diante dos quaes se apagam alguns dias sombrios do presente. Não nos pergunteis, portanto, mais qual o remedio que é preciso empregar para sarar tal ulcera ou tal chaga, tal tentação ou tal provação; lembrai-vos que aquelle que crê é forte pelo remedio da fé, e que aquelle que duvida um segundo da sua efficacia é immediatamente punido porque no mesmo instante resente as pungentes angustias da afflicção.

O Senhor sellou todos os que acreditam n'elle. Christo vos disse que com a fé se transportam as montanhas, e eu vos digo que aquelle que soffre e que tiver por sustentaculo a fé, será collocado sobre sua egide e não mais soffrerá; os momentos das mais acérbas dôres serão para elle as primeiras notas da alegria eterna. Sua alma se desprenderá por tal fórma de seu corpo que, emquanto este se torcer em convulsões, ella plainará nas regiões celestes cantando juntamente com os anjos os hymnos de reconhecimento e de glorificação ao Senhor.

Bemaventurados os que soffrem e que choram! tenham elles suas almas alegres, porque serão preenchidas por Deus. (S. AGOSTINHO, Paris, 1863.)

---

### A felicidade não é d'este mundo.

Não sou feliz! A felicidade não foi feita para mim! esclama o homem em todas as posições sociaes. Isso, meus caros filhos prova melhor que todos raccionios possiveis a verdade desta maxima do Ecclesiastico: «A felicidade não é d'este mundo.»

Effectivamente, nem a fortuna, nem o poder, nem mesmo a florescente mocidade, são condições essenciaes de felicidade; digo mais: nem mesmo a reunião d'estas tres condições tão invejadas, visto que se ouve continuamente, por entre as classes as mais privilegiadas pessoas de todas as idades lastimarem-se amargamente da sua condição de ser.

Diante de um tal resultado, é inconcebivel que as classes laboriosas e militantes invejem com tanta cobiça a posição d'aquelles que a fortuna parece ter favorecido.

Aqui na terra, por mais que se faça, cada qual tem sua quota de trabalho e de miseria, sua partilha de soffrimentos e de decepções. Facil é d'ahi chegar a esta conclusão: a terra é um lugar de provas e de expiações.

Assim, pois, os que pregam ser a terra unica morada do homem, e que só n'ella, por meio de uma unica existencia é permittido esperar o mais alto gráo de felicidade que sua natureza póde comportar, esses enganam-se e illudem aos que os ouvem, attendendo que está demonstrado por uma experiencia archi-secular, que este globo apenas excepcionalmente encerra a completa felicidade do individuo.

Em these geral, póde-se affirmar que a felicidade é uma utopia em busca d'aqual as gerações successivamente se lançam sem nunca podel-a attingir; porque se o homem sabio é uma raridade aqui na terra, o homem absolutamente feliz muito menos se encontra.

O que constitue a felicidade sobre a terra é cousa tão ephemera para os que não são guiados pela sabedoria que os annes, os mezes, as semanas, completamente escoam-se no seguimento dos desgostos e das decepções; e notai, meus caros filhos, que me refiro aos felizes da terra, d'aquelles que são envejados pela multidão.

Consequentemente, se á morada terrestre está affecta as provas e as expiações, é preciso admittir que existem moradas mais favorecidas para o Espirito do homem, posto unido á carne material, onde possa fruir em sua plenitude os gozosos destinados á vida humana. Foi para isso que Deus semeou no vosso turbilhão bellos planetas para os quaes vossos esforços e vossas tendencias vos farão gravitar, quando um dia vos purificardes e vos aperfeiçoardes.

Não abstante, das minhas palavras não deveis tirar a illação de ser a terra votada para todo o sempre ao destino de penitenciaría; não, certamente! porque, pelos progressos que tem feito podeis deduzir os progressos futuros, e pe'á melhoração social

já conquistada, novas e mais fecundas virão. Tal é o papel immenso que deve completar a nova doutrina que os Espiritos vos tem revelado.

Assim pois, meus caros filhos, que uma emulação vos anime, e que cada um de vós busque despir-se energicamente dos hábitos do velho homem. Vós devei-vos inteiramente a vulgarisação do Espiritismo que já começou a vossa propria regeneração. E' um dever fazer com que vossos irmãos compartilhem os raios da luz sagrada. Ao trabalho pois, meus queridos filhos! Que n'essa reunião solemne todos os vossos corações aspirem o fim grandioso de preparar para as futuras gerações um mundo onde a felicidade não seja mais uma palavra van. (*François— Nicolas — Madeleine Cardel Marlot. Pris, 1863.*)

---

### Perdas de pessoas amadas. Mortes prematuras

Quando a morte vem ceifar em vossas familias, arrebatando sem medida os jovens de preferencia aos velhos todos vós muitas vezes dizeis: Deus não é justo; pois que sacrifica aquelle que é forte e esperançoso, para conservar os que já vivem ha longos annos cheios de decepções; pois que leva os que são uteis, e deixa os que para mais nada servem: pois que esmaga o coração de uma mãe privando-a da innocente creatuara que fazia toda a sua alegria.

Humanos, são n'essas occasiões que tendes necessidade de elevar-vos acima da vida rasteira da terra, para comprehenderdes que o bem está onde acreditaes se achar encerrado o mal, a sabia providencia onde julgais vêr a cega fatalidade do destino. Porque razão medir a justiça divina pelo valor da vossa? Podeis pensar que o senhor dos mundos queira, por simples caprichos infligir-vos penas crueis? Causa alguma se faz sem disigno intelligente, e tudo quanto acontece, qualquer coisa que seja, tem sua razão de ser. Se scrutasseis melhor todas as dôres que vos attingem, acharieis sempre n'ellas a razão divina, razão regeneradora, e vossos interesses miseraveis teriam consideração secundaria e havieis de as desprezar.

Acreditai-me, a morte é preferivel, para a encarnação de vinte annos, a esses desregramentos vergonhosos que desolam as familias honradas, que quebram o coração de uma mãe, e fazem branquear antes de tempo os cabellos dos pais. A morte prematura é muitas vezes um grande beneficio que Deus concede aos

que se vão, e que assim se acham privados das miserias da vida ou das seduções que poderiam ter acarretado a sua perda. Aquelle que morre na flôr da idade não é victima da fatalidade, porém Deus julga que é util não ficar elle mais tempo sobre a terra.

E' uma desgraça medonha, dizeis vós, partir-se cedo uma vida cheia de esperanças! De que esperanças fallais? das da terra onde aquelle que d'ella parte podia fazer abrilhantada carreira e fortuna? Sempre essa vista mesquinha que não pôde elevar-se acima da materia. Sabeis qual teria sido a sorte d'essa vida tão cheia de esperanças segundo vós? Quem vos diz não se tornasse ella regada pelos amargores? Não tendes em conta as esperanças da vida futura, como a preferis ás da vida ephemera que arrastais sobre a terra? Pensais por ventura que vale mais ter uma posição entre os homens do que entre os Espiritos felizes?

Regosijai-vos em vez de lastimar-vos quando Deus se apraz retirar um dos seus filhos d'este valle de miserias. Não ha egoismo cubiçar que elle permaneça na terra para soffrer convosco? Ah! essa dôr se concebe nos que não têm fé, e que enchem no acto da morte uma eterna separação; porém vós, espiritas, sabeis que a alma vive melhor desembaraçada do seu envólucro corporeo; mães, vós sabeis que vossos queridos filhos estão ao vosso lado; seus corpos fluidicos vos cercam, seus pensamentos vos protegem, vossa lembrança os embriaga de alegria; porém também vossas dôres desarrazoadas os affligem, porque denotam falta de fé, e porque são uma revolta contra a vontade de Deus.

Vós que comprehendéis a vida espiritual, escutai as pulsações do vosso coração chantando esses seres amados, e se orardes á Deus para os abençoar, sentireis essas consolações poderosas que estancam as lagrimas, essas aspirações prestigiosas que mostram-vos o futuro promettido pelo Mestre. — (SANSON).

### ERRATAS DO N. 5

Pag.	142	—	linha	16	—	a prova o temos — lêa-se : — a prova temos.
»	»	—	»	25	—	assemelhança a Descartes, (*) — lêa-se : — semelhante a Descartes (*).
»	145	—	»	12	—	que as outras — lêa-se : — que os outros.
»	»	—	»	22	—	justiça — lêa-se : — precisão.
»	146	—	»	6	—	affeição — lêa-se : — affecção.
»	153	—	»	12	—	tardaram — lêa-se : — tardarão.
»	154	—	»	30	—	ahi — lêa-se : — lá.
»	171	—	»	34	—	temam — lêa-se — tomam.
»	172	—	»	2	—	revelações da dos : — lêa-se : — revelações dos.

